

Nomes de seres fantásticos do folclore brasileiro em tradução alemã

Diogo Mathias Brum^a

Ebal Sant'Anna Bolacio Filho^b

Resumo

O presente artigo objetiva apresentar uma breve análise de soluções tradutórias para nomes de seres fantásticos de lendas folclóricas brasileiras para o idioma alemão. A tradução desses termos desperta um especial interesse, pois lança aos tradutores o desafio de mediar a transferência do significado cultural e folclórico de um termo de uma língua para outra. Neste estudo, com base na classificação de Särkkä (2007), analisamos as traduções para o alemão de três lendas brasileiras, “A Cobra Grande”, “A Iara” e “O Caipora”, publicadas pelo projeto Volkserzählungen aus Brasilien da Associação Ibero-Americana, realizadas com a contribuição de estudantes da Friedrich-Schiller Universität Jena, na Alemanha.

Palavras-chave: tradução literária; lendas folclóricas brasileiras; nomes de seres fantásticos; projetos universitários de tradução.

Recebido em: 25/02/2019

Aceito em: 11/07/2019

^a Concluinte do curso em Letras Português-Alemão pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com graduação-sanduiche na Friedrich-Schiller Universität Jena (Alemanha). E-mail: mathiasbrum@outlook.com.

^b Professor do setor de alemão da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: ebolacio@gmail.com.

Introdução

A atividade de traduzir possui o encanto de revelar o desconhecido, ampliar o acesso ao conhecimento, estimular o pensamento e propiciar a troca de informações entre pessoas de diferentes povos e culturas. A tradução já não é mais compreendida como uma mera transposição de significados; ela é, antes, a interpretação, a recuperação e o resgate do sentido de uma mensagem com a finalidade de apresentá-lo em outra língua. Traduzir é, portanto, contar a mesma coisa, mas de forma diferente; é dar vida ao produto de uma ou de várias interpretações (BERGMANN; LISBOA, 2008, p. 38, 58), e, com isso, dar vez e voz ao intercâmbio linguístico e cultural.

Em razão desse seu importante papel mediador e integrador, a tradução é progressivamente difundida como instrumento útil em um mundo globalizado, no qual as relações interculturais são fortemente estimuladas e concretizadas por meio do uso de novas mídias. Reflexo disso é o alto número de estudantes universitários que ingressam atualmente no curso de Letras, em universidades brasileiras, com o propósito precípua de aprender a traduzir (SALIÉS; SILVA, 2018).

Essa procura pela tradução estimula nas universidades a criação e o desenvolvimento de projetos e disciplinas voltados para a atividade tradutória, como é o caso dos projetos tratados neste artigo. A tradução, de fato, encontra espaço para revelar-se não só como um importante instrumento para o ensino e a aprendizagem de língua (BOLACIO F.; BRUM; SOUZA, 2015, p. 25), mas também como um importante meio de promoção do intercâmbio cultural.

Nesse contexto de promoção da reflexão (inter)cultural, a tradução literária possui um papel de destaque. Nela incluem-se as traduções de lendas folclóricas, nas quais a ação do tradutor “abrange muito mais do que o conhecimento de línguas”; ele incorpora “o papel de mediador cultural, sempre atento às diversidades, preocupado com o efeito no receptor das eventuais diferenças entre culturas” (GRIMM; GRIMM, 2017, p. 227). O papel de mediador cultural, no entanto, não é nada simples. Como já enfatizado, ele não requer apenas o estudo aprofundado da língua, mas também da geografia, dos costumes, das referências históricas e da cultura de uma sociedade, os quais são de uma forma ou de outra referenciados nas lendas.

Neste trabalho examinamos exatamente esse aspecto da atividade do tradutor. Nosso propósito é investigar algumas das soluções encontradas para a mediação cultural no que concerne à tradução de nomes próprios de seres fantásticos e termos específicos do folclore brasileiro em projetos de tradução envolvendo estudantes universitários. Para isso, tomamos como base uma obra bilíngue de lendas folclóricas, intitulada *Volkserzählungen aus Brasilien*, publicada em 2015, fruto de um projeto de tradução de contos populares brasileiros da Associação Ibero-Americana com a contribuição de estudantes da Friedrich-Schiller Universität Jena, na Alemanha. Apresentaremos neste trabalho a análise da tradução de três lendas dessa obra, realizada sob o espectro conceitual para tradução de nomes próprios apresentado por Heikki Särkkä (2007).

1. Classificação da tradução de nomes de seres fantásticos

Natalia V. Shchurik (2017), em seu artigo *The Translation of Proper Names in Folklore*, elenca a classificação elaborada por Heikki Särkkä (2007) para a tradução de nomes próprios em textos não ficcionais.

Em seu artigo, direcionado eminentemente a textos folclóricos, a autora utiliza uma classificação originalmente elaborada para a análise de tradução de nomes próprios em textos não fictícios. Apesar de esse fato soar à primeira vista dissonante no escopo de nosso estudo – já que neste trabalho analisaremos textos fictícios – devemos considerar que, diferentemente dos contos de fadas, as lendas se caracterizam por sua base de caráter real, pois contêm referências a pessoas, lugares, formações geológicas e personalidades não fictícias (GRIMM; GRIMM, 2017, p. 12).

Assim, consideramos tanto útil quanto adequado tomar a classificação de Shchurik para analisar as traduções de nomes de seres fantásticos em lendas, conforme demonstraremos nas análises apresentadas adiante.

Passamos, então, a descrever brevemente a classificação de Särkkä (2007), conforme organizada por Shchurik (2017). A ela, acrescentamos uma sexta solução observada nas publicações estudadas – a qual indicamos em no item (f) em seguida. Seguindo o marco teórico desenvolvido pelas

pesquisadoras para fins de solução tradutória, um nome ou termo encontrado nas lendas pode ser:

- (a) mantido inalterado, conforme aparece na língua de partida;
- (b) alterado para adaptar-se ao sistema fonológico ou gráfico da língua de chegada;
- (c) expandido ou receber uma nova roupagem para compensar a falta de conhecimento dos leitores sobre a cultura de origem do termo;
- (d) omitido ou substituído por uma paráfrase quando considerado de importância periférica para o texto (em alguns casos, por se julgar que sua manutenção possa ocasionar uma interrupção abrupta e desnecessária na leitura);
- (e) introduzido no texto da língua de chegada mesmo que no texto da língua de partida não haja propriamente um nome, mas apenas uma alusão cultural que pouco provavelmente seria compreendida pelos leitores do texto da língua de chegada;
- (f) traduzido por termo equivalente na língua de chegada.

É importante salientar que cada solução tradutória identificada nos casos analisados no presente estudo corresponde a pelo menos uma dessas classificações, mas não necessariamente a apenas uma delas; as soluções encontradas podem dar-se na combinação de dois ou mais desses recursos.

Essa mesma classificação nos serviu também para, eventualmente, analisar as traduções dos nomes de outras criaturas e objetos da natureza presentes nas lendas aqui estudadas, pois os recursos utilizados pelos estudantes para esses termos foram frequentemente os mesmos utilizados para os nomes de criaturas fantásticas.

2. Lendas brasileiras traduzidas para o alemão

Passamos agora à investigação das soluções tradutórias encontradas na tradução dos nomes de seres presentes nas seguintes lendas brasileiras: “A Cobra Grande”, “A Iara” e

“O Caipora”, publicadas pelo projeto *Volkserzählungen aus Brasilien* da Associação Ibero-Americana, realizadas com a contribuição de estudantes da Friedrich-Schiller Universität Jena, na Alemanha.

Abordamos, a seguir, uma lenda por vez, iniciando cada uma delas com uma breve sinopse, seguida da descrição das soluções tradutórias (para nomes próprios de seres fantásticos e termos específicos do folclore brasileiro) encontradas na versão em alemão, estabelecendo contrastes com a versão em português, quando necessário.

Ao final da análise de cada lenda, elaboramos uma tabela esquemática que resume e classifica as soluções tradutórias identificadas segundo a classificação de Särkkä (2007).

2.1. A Cobra Grande

Segundo a lenda, “A Cobra Grande” – que parece sugerir uma explicação mitológica para a ocorrência do canto dos pássaros na transição entre a noite e o dia –, uma feiticeira, que habitava o corpo de uma cobra gigantesca, havia escondido a noite num coco de tucumã. Os índios, que, por essa razão, viviam a pleno dia o tempo inteiro, não conseguiam descansar. Aconteceu que a filha da Cobra Grande, que também era feiticeira, se apaixonou por um índio e se compadeceu do seu sofrimento, indicando-lhe como pedir à Cobra Grande que libertasse a noite. O índio enviou seus emissários à Cobra Grande, e eles conseguiram recuperar a noite; porém, a curiosidade dos emissários levou-os a liberar a noite antes da hora certa e, como tudo ficou escuro, eles se perderam pelo caminho. Quando finalmente retornaram à aldeia, como castigo, a feiticeira transformou-os em macacos. Depois, ela transformou o marido da filha em pássaros: no kujubi, pintando-o com urucum e tabatinga, para cantar no nascer do dia; e no inambu, espalhando cinzas sobre ele, para cantar na noite.

O primeiro termo analisado na lenda “A Cobra Grande” (ARAÚJO; FRANÇA; PASCHEN, 2015, p. 11-19) encontra-se já no seu título: o nome próprio da feiticeira *Cobra Grande*. Na tradução em alemão, o termo foi mantido como no português. Apesar disso, a ideia transmitida pelo nome deste ser fantástico não se perde na tradução, pois a Cobra Grande é descrita logo

nos primeiros parágrafos da lenda: “(...) *eine große Zauberin im Körper einer gigantischen Schlange* (...)” (ARAÚJO; FRANÇA; PASCHEN, 2015, p. 12). Vale ressaltar que o título, mesmo em português, é facilmente decifrável por um falante nativo do alemão, já que o substantivo *Kobra* (muito semelhante a *Cobra*), que se refere à naja indiana (*Brillenschlange*), existe tanto em alemão como em outras línguas europeias.

No entanto, essa decisão tradutória poderá causar uma diferenciação no imaginário do leitor alemão em relação ao imaginário do leitor brasileiro, pois a naja, referida no texto em alemão pelo termo *Kobra*, possui características mais específicas em relação às cobras típicas da fauna brasileira.

O segundo termo observado refere-se ao personagem índio, marido da filha da Cobra Grande, que não recebe nome próprio no conto brasileiro. O termo *índio* é traduzido predominantemente por *Indianer* (ARAÚJO; FRANÇA; PASCHEN, 2015, p. 12, 15, 16), mas há uma ocorrência em que é traduzido por *Indio* (*ibid.* p. 13). Note-se que ambos os substantivos aparecem em língua alemã, sendo *Indio* um termo usado para referir-se apenas a índios mesoamericanos e sulamericanos, enquanto *Indianer* é um termo que abrange a totalidade das populações ameríndias pré-colombianas. Essa especificidade dos termos, entretanto, não é relevante na lenda; disso, infere-se que sua ocorrência decorre do estilo do tradutor.

Interessante também é observar a diferente forma de tradução para os nomes dos pássaros. Optou-se pelo termo *Cujubi-Vogel* para a tradução do nome do pássaro *cujubi* (ARAÚJO; FRANÇA; PASCHEN, 2015, p. 19) – isto é, manteve-se o nome do pássaro no texto original, mas adicionou-se a palavra alemã *Vogel* (pássaro), evidenciando-se a natureza do ser. Essa adição é importante para diferenciá-lo de outros animais, pois, apesar de o conto revelar de imediato tratar-se de um ser cantante – já fornecendo indícios ao leitor de poder se tratar de um pássaro –, o canto é também, no mesmo texto, atribuído a grilos e sapinhos (ARAÚJO; FRANÇA; PASCHEN, 2015, p. 15). Assim, o acréscimo da palavra *Vogel* não deixa dúvidas ao leitor alemão de que *cujubi* é um pássaro. Esse mesmo recurso, todavia, não foi utilizado para a tradução do pássaro inambu, o qual ficou traduzido apenas por *Inambu* (p. 19).

Finalmente, os termos *tabatinga* e *urucum* foram mantidos, como no texto de partida (ARAÚJO; FRANÇA; PASCHEN, 2015, p. 19). Essa manutenção dos termos originais, no entanto, não prejudicou a compreensão do texto traduzido, pois importa mais que o leitor compreenda tratar-se de substâncias colorantes, o que é evidenciado pelo contexto: “*Sie gab ihm Farben und er bemalte seinen Kopf mit Tabatinga weiß und mit Urucum färbte er seine Beine rot.*” (ARAÚJO; FRANÇA; PASCHEN, 2015, p. 19).

1. Traduções de termos em “A Cobra Grande”

Termo original (português)	Tradução (alemão)	Número de ocorrências	Solução tradutória
Cobra Grande	<i>Cobra Grande</i>	12	a
Índio	<i>Indianer</i>	4	f
	<i>Indio</i>	5	b
coco de Tucumã	<i>Tucumã-Kokosnuss</i>	5	a, f
Cujubi	<i>Cujubi-Vogel</i>	1	c
tabatinga	<i>Tabatinga</i>	1	a
Urucum	<i>Urucum</i>	1	a
Inambu	<i>Inambu</i>	1	a

2.2. A Iara

A lenda “A Iara” dá uma explicação sobrenatural ao desaparecimento de índios no rio Amazonas. Conta a lenda que, atraídos pelo canto de uma linda índia que vivia nas águas do rio, os índios nunca mais eram vistos depois de encontrá-la; e que nem mesmo Jupã – o mais forte, corajoso e veloz entre os índios Tapuias, bondoso com seus amigos e muito invejado por causa de seus atributos – conseguiu resistir aos encantos de Iara. Apesar de ter escapado do primeiro encontro com a índia, Jupã foi tomado por uma profunda amargura, a qual nem mesmo a linda Iraci conseguiu afastar. Contrariando os conselhos da mãe e dos sábios da tribo, Jupã não resistiu e voltou ao rio para encontrar Iara. Lá, tomado pela felicidade de vê-la, em transe, deixou cair o remo e nunca mais foi visto.

Nesta lenda, a primeira observação que fazemos é quanto ao nome *Iara*, que foi “traduzido” para *Jara*. Ao que nos parece, a troca da vogal “I” pela consoante “J” teve como objetivo tornar o nome mais familiar ao leitor alemão, pouco acostumado ao ditongo “ia”, atípico da língua alemã. Ainda que o nome Iara

possa ser, em português, trissílabo, tratando-se “ia”, neste caso, de um hiato, a substituição de “I” por “J” faz-nos deduzir que o tradutor entendeu “ia” como um ditongo, pois a sílaba “ja-” em alemão é inseparável.

Observamos também que o nome do índio *Jupã* permaneceu inalterado em todas as suas 18 ocorrências (eventualmente sendo substituído pelo pronome pessoal masculino), mantendo-se inclusive o til, inexistente no sistema gráfico do alemão. A manutenção inalterada da grafia com o til sugere ao leitor de língua alemã que a palavra “Jupã” é nome próprio em língua estrangeira; o leitor sabe, ainda, que o nome se refere a um índio, pois essa informação é anunciada de antemão no texto: “*Unter den Tapuia war Jupã (...)*” (ARAÚJO; FRANÇA; PASCHEN, 2015, p. 32). Assim como *Jupã*, o nome *Iraci* também permanece inalterado.

Nota-se, neste ponto, uma certa inconstância na tradução: enquanto se propõe uma forma adaptada à ortografia e à fonética do alemão na solução tradutória para *Iara*, esse critério não foi utilizado para a tradução de *Jupã* e *Iraci*.

Por sua vez, o termo *Tapuias* foi ora omitido (ARAÚJO; FRANÇA; PASCHEN, 2015, p. 31), ora expandido, ora mantido inalterado, sendo esta última a solução tradutória mais frequente. No início do texto, a segunda solução já deixa claro ao leitor que o nome designa uma tribo indígena: “*Wenn es Abend wurde, kamen die Tapuia-Indianer (...)*” (ARAÚJO; FRANÇA; PASCHEN, 2015, p. 31); assim, a mera manutenção inalterada do termo ao longo do restante texto não deixa dúvidas ao leitor sobre o significado de *Tapuias* como designador de uma tribo indígena, sendo utilizado sem expansão ou alteração a partir de sua terceira ocorrência.

2. Traduções de termos em *A Iara*

Termo original (português)	Tradução (alemão)	Solução tradutória
os (índios) Tapuias	[omitido]	d
	Tapuia-Indianer	c
	die Tapuia / der Tapuia	a
Iara	Jara	b
Jupã	Jupã	a
Iraci	Iraci	a

2.3. O Caipora

A lenda “O Caipora” conta que havia na Floresta Amazônica um ser poderoso, chamado Caipora, que enganava os caçadores para proteger os seres da floresta. Os guerreiros tupi-guarani descobriram que podiam distrair o Caipora com fumo de rolo para conseguirem caçar e extrair da floresta o que necessitavam. Essa informação foi passada aos europeus, que deram ao Caipora uma quantidade enorme de fumo de rolo para que pudessem pegar da floresta tudo o que quisessem. Em sua ambição, começaram a destruir a floresta. Ao perceber o perigo iminente, um menino chamado Jupi, filho do Pajé, contou a Caipora como estava sendo enganado. Caipora tentou usar seus poderes contra os europeus para proteger a floresta, mas não conseguiu, pois Tupã havia se zangado com ele e havia retirado seus poderes por deixar a floresta desprotegida por tanto tempo. A solução foi reunir os curumins, que juntos passaram a protegê-la.

Nesta lenda, observamos que o nome *Caipora*, que lhe dá título, foi mantido inalterado em todas as suas ocorrências. Observamos, ainda, que o nome da organização fundada pelos curumins, *Os Caiporinhas*, que aparece no final da lenda, foi adaptado para adequar-se à forma analítica de diminutivo do alemão, sendo traduzido como *die kleinen Caiporas* (ARAÚJO; FRANÇA; PASCHEN, 2015, p. 61). Apesar de haver no alemão a possibilidade de realizar-se o diminutivo por sufixação – utilizando-se a terminação “-chen” ou “-lein” –, acreditamos que o tradutor preferiu a forma analítica pelo fato de *Caipora* ser palavra de origem estrangeira.

O termo *pajé*, específico da etnografia brasileira, que “nas sociedades tribais ameríndias da família linguística tupi-guarani” era o “responsável pela condução do ritualismo mágico e a quem se atribui a autoridade xamanística de invocar e controlar espíritos, o que confere à sua ação encantatória poderes oraculares, vaticinantes e curativos” (HOUAISS, 2009, s/p.), foi traduzido de três formas diferentes nesta lenda, dada a especificidade do termo.

Na primeira aparição, *pajé* foi traduzido como *Schamane* (ARAÚJO; FRANÇA; PASCHEN, 2015, p. 55), dando ao leitor uma pista de que o pajé seria uma espécie de xamã. Na segunda aparição do termo, foi traduzido por *Medizinmann* (ARAÚJO;

FRANÇA; PASCHEN, 2015, p. 58), dando ênfase à sua habilidade curandeira. Finalmente, foi traduzido por *Stammenschamane* (ARAÚJO; FRANÇA; PASCHEN, 2015, p. 58), registrando sua existência como membro integrante da tribo indígena.

Observamos ainda que *Jupi* e *Tupã*, assim como *Caipora*, permaneceram inalterados em sua forma original.

3. Traduções de termos em “O Caipora”

Termo original (português)	Tradução (alemão)	Número de ocorrências	Solução tradutória
Caipora	Caipora	14	a
Caiporinhas	die kleinen Caiporas	1	b
Pajé	Schamane	1	c, f
	Medizinmann	1	c, d
	Stammeschamane	1	c, f
Jupi	Jupi	6	a
Curumins	Kinder	1	d, c
Tupã	Tupã	2	a

Conclusão

Neste trabalho, investigamos as soluções que os estudantes alemães, tradutores das três lendas analisadas, encontraram para transmitir na língua de chegada a ideia que os nomes dos seres fantásticos ou dos termos típicos da etnografia brasileira expressam na língua de partida.

Ao longo da investigação, notamos que houve variação da solução tradutória para casos semelhantes – como foi o caso da tradução de nomes de pássaros em *Cobra Grande* e, na mesma lenda, da tradução de *índio* – ora como *Indio*, ora como *Indianer* –, cujas variações nos pareceram ser frutos do estilo do tradutor.

Outra observação interessante foi a opção de tradução de um mesmo termo em português para diferentes termos em alemão, a depender da ênfase ou da informação que o contexto exigia. Um exemplo bastante claro disso foram as três diferentes traduções para *pajé* na lenda *Caipora*. Notamos, ainda, uma certa inconstância no critério de adaptação do termo à ortografia e à fonética do alemão, como explicitado na análise do caso da solução tradutória dada para o nome Iara (*Jara*).

Não se pôde, portanto, determinar categoricamente que uma solução se prestasse sistematicamente a problemas de mesma natureza.

Como dito anteriormente, para classificar as soluções tradutórias, utilizamo-nos do espectro conceitual para tradução de nomes próprios de Särkkä (2007). Vimos que cada solução tradutória identificada nos casos analisados correspondeu a pelo menos uma das classificações propostas pela autora.

Dois fenômenos, entretanto, chamaram-nos a atenção: (1) em um terço dos casos houve a combinação de duas ou mais soluções tradutórias dentre as propostas na classificação de Särkkä (2007); (2) nas lendas analisadas, não houve introdução de termo em alemão que não encontrasse correspondente no texto da língua de partida.

Notamos, ainda, que a solução mais utilizada pelos tradutores foi a manutenção do termo conforme aparece na língua de partida (31% dos casos), seguida pela expansão do termo ou a conferência de uma nova roupagem ao termo para compensar a falta de conhecimento dos leitores sobre a cultura do texto de origem (28% dos casos); em 19% dos casos os tradutores optaram pelo uso de termo equivalente na língua de chegada; poucos foram os casos em que se optou pela omissão ou substituição do termo por uma paráfrase (13% dos casos) e pela alteração do termo para adaptar-se ao sistema fonológico ou gráfico da língua de chegada.

Não pretendemos com esses dados concluir que uma solução seja mais útil ou mais adequada que outra. A nosso ver, todas são igualmente importantes e podem variar conforme a interpretação do tradutor sobre o texto de partida; conforme seu julgamento sobre o conhecimento cultural do público leitor; e também conforme seu próprio estilo de tradução.

Finalmente, nosso objetivo com este trabalho foi conhecer as soluções tradutórias encontradas pelos estudantes alemães para termos específicos do folclore brasileiro nas lendas aqui estudadas, dada a complexidade desse tipo de tradução. Essa análise, que não pretendia ser exaustiva, trouxe na nossa opinião à luz algumas observações interessantes que julgamos dignas de investigações futuras mais amplas e aprofundadas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO; R. M. P.; FRANÇA, Z. N.; PASCHEN, H. *Volkserzählungen aus Brasilien – Contos populares brasileiros*. Coleção Curumim. Países de Língua Alemã: Clandestino Publikationen, 2015.

BERGMANN, J. C. F.; LISBOA, F. A. *Teoria e prática da tradução*. Curitiba: Ibplex, 2008.

BOLACIO F., E. S.; BRUM, D. M.; SOUZA, S. G. S. A disciplina de introdução à tradução no currículo de Letras: um relato de experiência docente e discente na Uerj. *Projekt – Revista dos Professores de Alemão no Brasil*, Ivoti, n.53, p. 25-29, dez. 2015.

GRIMM, J.; GRIMM, W. *Lendas alemãs: as lendas do Diabo*. Seleção, Notas e comentários: Ebal Bolacio e Magali Moura. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2017.

SÄRKKÄ, H. Translation of Proper Names in Non-fiction Texts. 2007. In: SHCHURIK, N. V. Translation of Proper Names in Folklore. *Journal of Siberian Federal University. Humanities & Social Sciences* 4, p. 591-597, out. 2017.

SHCHURIK, N. V. Translation of Proper Names in Folklore. *Journal of Siberian Federal University. Humanities & Social Sciences* 4, p. 591-597, out. 2017.

HOUAISS ELETRÔNICO. Editora Objetiva Ltda. Versão monousuário 3.0, 2009.

SALIÉS, T. G.; SILVA, D. S. O curso de letras na visão dos alunos do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. *Revista Aproximando*, v. 4, n. 5, s/p., 2018.

Abstract

Names of fantastic beings of Brazilian folklore in a German translation

This article aims to present a brief analysis of translation solutions for names of fantastic beings of Brazilian folk legends into German. The translation of these terms arouses a particular interest as it launches to the translators the challenge to mediate the transfer of cultural and folkloric significance of a term in one language to another. In this study, on the basis of the classification of Särkkä (2007), the German translations of three Brazilian legends were reviewed: "A Cobra Grande", "Iara" and "Caipora", published by the project Volkserzählungen aus Brasilien of the Latin American Association, carried out with the contribution of students from the Friedrich-Schiller Universität Jena, in Germany.

Keywords: *literary translation; Brazilian Folk Legends; Names of Fantastic Beings; College translation projects.*